

RESENHA



EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande*. Edição resumida e introdução Eva Gillies; tradução Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

José Ricardo Marques Braga

Professor de sociologia da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisador do Grupo Gênero, Corpo e Sexualidade (GCS), cadastrado no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq.

E-mail: ricardo_sociologia@hotmail.com

Evans-Pritchard (1902 – 1973), renomado antropólogo inglês, fez seus estudos em nível de pós-graduação no London School of Economics (LSE), onde se aproximou e foi entusiasmado pelo professor Malinowski – que possui forte influência na perspectiva teórica e metodológica no trabalho realizado entre os azande. Além de Malinowski e seus seminários na LSE, destaco aqui a importância de Charles Seligman (seu orientador de tese de doutoramento) em sua formação, pois foi o primeiro a se debruçar sobre as sociedades sudanesas, onde Evans-Pritchard faria posteriores trabalhos de campo. O estudo com os Azande teve início em 1926, finalizando em 1929, com vinte meses de trabalho intensivo de campo. Sua obra “Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande” foi publicada em 1937. Realizou outros estudos etnográficos, dentre os quais com a sociedade Nuer, onde alcança o ápice de sua maturidade teórica.

O presente texto pretende abordar as principais questões de cunho teórico-metodológico suscitadas a partir de “Bruxaria, oráculos e magia entre os azande”, destacando as contribuições do autor nos estudos antropológicos, influenciado por Malinowski – mas também por um outro grande mestre do autor, como Radcliffe-Brown, como acreditam Steil e Toniol (2014) – onde busca analisar o sistema de crenças zande, dando-lhe coerência e unidade, demonstrando que a bruxaria funciona como “causa socialmente relevante” na organização desta sociedade, sendo um importante elemento para pensarmos sua constituição e manutenção. Destaco as narrativas etnográficas longas e ricas ao longo do texto – com uma prosa concisa e elegante – o que transmite ao leitor uma sensação, de fato, que o antropólogo colocou “carne e sangue” – expressão usada pelo próprio Evans-Pritchard – no seu texto etnográfico, que só foi possível graças ao fino trabalho etnográfico levado a cabo pelo antropólogo, onde percebemos o “mergulho” no pensamento nativo, que o aproxima do universo social, da cosmologia, do *modus operandi* do pensamento zande.

Evans-Pritchard, junto com Malinowski, representam nos anos 1920 e 1930 a consolidação de uma forma específica de fazer antropologia,

caracterizando-a com princípios intelectuais e práticas profissionais que marcarão esta ciência por um longo período. Dentre essas, destaco a centralidade do trabalho de campo intensivo para a constituição do conhecimento antropológico, prática já utilizada antes dos anos 1920, mas só sistematizada e balizada como norte metodológico central para a antropologia com os grandes pesquisadores de campo, como Malinowski, sobretudo, mas também Evans-Pritchard, como apontam Gupta e Ferguson (1997), Kuclicka (1997) e Stocking (1983). É no apêndice IV do livro onde o antropólogo inglês deixa um vasto, inestimável e pulsante legado que deve ser apreciado por todos aqueles que aspiram à disciplina, embora, como reconhece o próprio autor, cada experiência etnográfica é única.

É também com Malinowski que Evans-Pritchard alça ao centro do debate a importância da elucidação do processo de pesquisa, com a explicitação dos instrumentos de coleta de dados, como esta se desenvolve e também as relações construídas em seu decurso, apontando como as conclusões teóricas estão intimamente atreladas ao processo de costura da pesquisa. Para este autor, portanto, o antropólogo deve apresentar aos leitores todo o emaranhado da condução do trabalho, mostrando as circunstâncias em que se dão a tessitura dos fios da pesquisa, aquilo que Miriam Grossi (1992) denomina de “avesso da pesquisa”, pouco explorado até então.

Outro importante postulado metodológico que permeia a obra de Evans-Pritchard é pensar a relação entre pesquisador e pesquisados. Apesar de o britânico acreditar que o antropólogo deve realizar uma imersão na cultura e pensamento do povo investigado – para isso o domínio da língua é uma condição imprescindível – compreende, ao mesmo tempo, que ao pesquisador não será possível converter-se num nativo, vivendo, pelo menos no tempo em que perdura a pesquisa, marginal entre dois mundos, o seu próprio e o do nativo. Dessa forma, o pesquisador buscou viver a vida como zande, no seu trabalho de campo, mas tinha em mente que jamais se tornaria um. Essa questão se remete a um ponto analisado

por Emerson Giumbelli (2006), ao se debruçar sobre a obra de Evans-Pritchard, que é a constante e rígida distinção entre o “eles” e o “nós”, exemplo de uma antropologia assimétrica (GIUMBELLI, 2006), típica do momento em que vivia e produzia e que viria a ser criticada e contestada nos anos 1980 pelos pós-modernistas.

Exemplo de uma monografia teórico-descritiva – o que o faz ser celebrado junto a Malinowski como arquetípico pesquisador de campo, dentro dos cânones da disciplina (GUPTA e FERGUSON, 1997) – assim como “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” (MALINOWSKI, 1978) o estudo sobre bruxaria na sociedade azande, além de contribuir para a reflexão do trabalho etnográfico de campo, é central e referência obrigatória para aqueles que se debruçam sobre o fenômeno religioso e a sociologia do conhecimento. A novidade trazida pelo autor é pensar a bruxaria como forte componente que influencia os comportamentos sociais e pilar regulatório de relações sociais, colocando-a como indispensável para a manutenção da sociedade zande. Além disso, num autêntico e preciso olhar etnográfico traz luz sob práticas, crenças e formas de pensar de povos não-ocidentais que, à primeira vista, nos parecem irracionais e ilógicas, mas que perscrutadas sob o escrutínio da teoria antropológica ganham sentido e racionalidade, tais quais as práticas e formas de conceber o mundo no Ocidente.

Inicialmente o autor traz alguns importantes atributos acerca do fenômeno da bruxaria, que caracteriza como onipresente, pois circunda toda a vida social zande, mostrando suas características principais: é orgânica, por caracterizar-se como substância concreta, palpável no organismo, que tem vida e se localiza, segundo o autor, na região do intestino delgado. Entretanto, pode manter-se “fria” durante toda a vida, ou seja, não acionada. Dessa forma, o que interessa aos azande é o momento em que a bruxaria é utilizada, pois só caracterizam alguém como bruxo quando este faz bruxaria contra outrem. Outro importante ponto sobre esse fenômeno é seu caráter hereditário, herdada de pai para filho ou de

mãe para filha, obedecendo a este caráter sexual. Geralmente, procuram-se os bruxos entre seus inimigos e pessoas que moram próximo, pois o efeito da bruxaria só é válido se houver uma curta distância geográfica entre bruxo e vítima. A substância bruxaria cresce no organismo com seu desenvolvimento, por isso, crianças quase nunca são acusadas de bruxaria, por terem a substância em pequena quantidade; os mais temidos são os anciãos, pois estes detêm uma alta quantidade de bruxaria em seu organismo. Os azande acreditam que nunca há bruxaria entre sexos diferentes (a não ser quando a mulher embruxa o marido, pois não lhes faltam motivos para isso), pois se isso acontece denota uma aproximação entre homem e mulher não usual na sociedade zande e tida, por isso, como adultério. Por vezes, o ato de bruxaria leva a morte e, esta, por sua vez, deve ser vingada e para tanto, utilizam-se de oráculos e de magia, como apontarei mais à frente.

Em seguida, Evans-Pritchard analisa como os azande lançam mão da bruxaria como fator explicativo dos infortúnios diários. O autor retrata uma série de situações cotidianas que são explicadas por este povo como culpa de bruxaria e, que, nós explicaríamos através do conceito de azar, como, por exemplo, quando um azande tropeça num toco na floresta e o corte ocasionado infecciona. Para o autor, o fato seria mera obra do acaso e do azar, mas esta sociedade credita a um bruxo essa ação, uma vez que este povo anda sempre vigilante na floresta, com cautela para que isso não ocorra, e uma vez o corte ocasionado, sua natureza é logo cicatrizar, quando a ferida não sara rapidamente, logo se conclui que foi obra de bruxaria. Aqui, o antropólogo utiliza a expressão “causa socialmente relevante” para mostrar que os azande não desprezam as causas físicas dos infortúnios, mas o que é significativo para explicar o funcionamento dessa sociedade é a bruxaria. O autor exemplifica com um homem que foi morto por um elefante. Os azande afirmam que a primeira lança é o elefante, que o matou de fato, entretanto, a bruxaria seria a segunda lança, que explica o ato do elefante ter matado o homem.

O antropólogo revela ainda as exceções da regra acima exposta. Todos os infortúnios são causados por bruxaria, menos em situações de quebra de tabu ou não obediência de regras morais. Também casos de crime e pecado, a bruxaria não é acionada como fator explicativo, como no adultério, uma vez que os azande acreditam que ninguém trai por que foi embruxado. No mais, o autor enfatiza que a sociedade zande não sabe analisar seus sentimentos em relação a bruxaria, possuindo mais sentimentos que idéias em relação a esta.

No terceiro capítulo, o autor analisa os motivos pelos quais um zande embruxa outro, bem como o que ocorre após o embruxamento e a importância dos oráculos neste contexto. Evans-Pritchard aponta que quando um azande adoece, por exemplo, atribuem logo à bruxaria e esta, provavelmente, foi feita por algum inimigo, pois o embruxamento acontece em decorrência de sentimentos ruins, como ódio ou inveja. Assim, entendo que o antropólogo afirma existir um modelo de conduta socialmente aprovado no sentido de nunca despertar o ódio de alguém, caso contrário atrairá as atenções de bruxos – dessa forma, a possibilidade da bruxaria consegue regular as relações sociais. Quando alguém se encontra embruxado, há duas maneiras de agir: a mais usual é procurar o delegado para que este comece imediatamente as negociações com o bruxo, com o fim de o último cessar a bruxaria. É enviado um mensageiro à casa do bruxo com asas de galinha e é pedido que este sopre e diga, com sinceridade, que irá interromper a bruxaria (faz parte de um código comportamental nunca recusar-se a soprar as asas de galinha, reconhecendo-se a culpa, mesmo que o acusado se sinta injustiçado). Outra maneira, menos usual, de ação após embruxamento é um discurso na montanha no sentido de amedrontar o bruxo, pedindo que este pare com a bruxaria, caso contrário seu nome será revelado em público – e nenhum azande gostaria disso.

Há nesse processo toda uma série de normas a serem seguidas pelos azande. Quando alguém fica gravemente doente, por exemplo, parte-se da premissa que foi bruxaria. Consulta-se, então, o oráculo de veneno (o

oráculo de atrito ou das térmitas pode ter sido anteriormente consultado) para saber quem foi o responsável. Ministra-se uma dose de veneno para uma galinha e faz-se um complexo ritual (o autor faz uma longa narrativa sobre essa cerimônia) onde alguns nomes são aventados e o oráculo revela qual deles é o bruxo. As asas da galinha morta são levadas por um mensageiro até a casa do possível bruxo, onde este as sopra (existe uma convenção que o leva a aceitar a culpa; a recusa equivale a uma confissão) e promete parar o encantamento. Caso, este não pare e a vítima de bruxaria morra, a família da vítima tem a obrigação moral de realizar uma vingança matando o bruxo, por meio também de magia.

No quarto capítulo, Evans-Pritchard analisa o que ele chama de “incoerência” no discurso zande, pois se por um lado, acredita-se que o ato de embruxar alguém é sempre consciente (pois movido por sentimentos ruins), quando alguém é acusado de bruxaria se vale da posição de não-intencionalidade, afirmando que a bruxaria foi feita inconscientemente. O que deve ser dito, então, no momento em que o mensageiro leva a asa de galinha ao bruxo é: “Se possuo bruxaria em meu ventre, disso não tenho consciência; que ela esfrie. Por isso, sopra a água” (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 85).

O autor faz um rico relato etnográfico sobre os rituais de adivinhação que acompanhou durante o trabalho de campo, descrevendo as funções dos adivinhos na sociedade zande. A princípio, a função desses sujeitos é a de prever/detectar bruxaria, tendo, em tese, o mesmo papel dos oráculos, porém, com menor grau de confiabilidade – precisando, por isso, da confirmação destes. A realização do ritual onde os adivinhos são interrogados sobre possíveis bruxarias reúne muitas pessoas e tem grande importância para os azande. Para além do combate à bruxaria (o adivinho é tido como guerreiro), a principal finalidade apontada para a existência desses rituais é o prestígio daqueles que os patrocinam, que passa a ser reconhecido publicamente. Nessas cerimônias, o adivinho evita acusações públicas (pois isso geraria mal-estar para ele, já que o adivinho é membro

da sociedade e convive com os bruxos). A exceção a esta regra é em relação às mulheres e “pessoas fracas”.

Posteriormente, apresenta-se uma longa descrição do funcionamento do oráculo de veneno e sua análise na estruturação da vida social zande. Como já mostrei anteriormente, todas as atividades importantes devem ser precedidas à consulta do oráculo, para que seu veredito decida ou não pela sua realização. Tal medida encontra-se tão fortemente arraigada na tradição zande que, em algumas ocasiões, a não consulta aos oráculos de veneno podem incorrer em penalidades legais. O oráculo de veneno conta com grande interdito à sua participação, geralmente os consultantes são homens casados, chefes de família e de casa, que devem seguir, juntamente com os demais participantes do ritual, certos tabus impostos. A manipulação do oráculo exige grande especialização e para que ocorra o ritual é necessário o operador, o proprietário e o interrogador, cada um desempenhando um papel específico para que tudo funcione adequadamente. O autor exemplifica com rituais dos quais participou e os narra com riqueza de detalhes. Outro importante impacto do oráculo de veneno na estrutura zande é a conformação/regulação dos papéis de gênero, onde a mulher encontra-se excluída e reprimida pelo oráculo (Evans-Pritchard demonstra que as mulheres odeiam os oráculos porque não raras vezes a prejudicam).

Em seguida, Evans-Pritchard trata do uso dos oráculos como importante fator de sustentação da sociedade zande, apontando aqui, pela primeira vez, para uma racionalidade das práticas e crenças desse povo. De acordo com o autor:

O comportamento zande, embora ritual, é consistente e as razões apresentadas para esse comportamento, embora místicas são intelectualmente coerentes [...] os oráculos erram, mas os zande nunca questionam sua validade, tentam explicar a imprecisão desse veneno particular [...] os azande vêm tão bem quanto nós que o fracasso de seu oráculo em fazer profecias corretas pede uma explicação, mas estão de tal enredados em noções místicas que precisam recorrer a elas para explicar o fracasso. (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 170-171)

Dessa maneira, observamos o esforço metodológico feito pelo antropólogo no sentido de se impregnar do cotidiano nativo e “traduzindo” um sistema que, a primeira vista, pode ser ilógico e irracional, mas tomado em sua totalidade, explica o funcionamento da sociedade zande. Podemos perceber como o antropólogo incorporou as noções zande quando relata o evento em que supostamente viu uma luz de bruxaria se dirigindo à casa de um homem que aparecera morto na manhã seguinte. Essa postura fez com que Evans-Pritchard pudesse chegar ao entendimento das questões a que se propôs.

O décimo primeiro capítulo configura-se como relato de drogas e seu uso na magia zande, bem como em que situações faz-se uso de certas drogas, e também analisa como se articulam a tríade “bruxarias, oráculos e magia”. Os azande convivem, lado a lado, com a bruxaria e com a feitiçaria, mas temem muito esta última, sentem-se com medo quando enfeitiçados, uma vez que possuem sintomas mais sérios e não existe uma aparelhagem social para combatê-la. Enquanto a bruxaria, por ser bem mais comum, não desperta medo e, sim raiva. A magia é o mecanismo utilizado para combater tais forças místicas, como a bruxaria e a feitiçaria. Somado a magia há os oráculos e a bruxaria que, segundo o autor:

[...] formam um sistema intelectualmente coerente. Cada elemento explica e prova os demais. A morte é prova de bruxaria; é vingada pela magia; o sucesso da vingança mágica é provada pelo oráculo de veneno; e a exatidão do oráculo de veneno é determinada pelo oráculo real, que está acima de qualquer suspeita. (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 208).

O último capítulo retoma a discussão da racionalidade das práticas e crenças zande, estabelecendo sua coerência quando consideradas em conjunto. A melhor maneira de visualizar como a sociedade zande aciona suas crenças e práticas de forma lógica e crítica é através da análise da morte, como afirma o autor:

A morte evoca a noção de bruxaria; os oráculos são consultados para determinar o curso da vingança; os oráculos decidem se a magia executou a vingança; depois da tarefa cumprida, as drogas mágicas são destruídas. (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 228)

Para Evans-Pritchard, portanto, esse conjunto de crenças, sustentados pelo tripé bruxaria, oráculos e magia são responsáveis por garantir a continuidade do adequado funcionamento da sociedade em questão. O equilíbrio estaria mantido, uma vez que a bruxaria, sobretudo, atua como força conservadora e guia comportamental, para que os azande adotem comportamentos que não despertem a ira de ninguém, pois não se sabe quem pode ou não ser um bruxo. Aqui reside, destarte, a coerência do sistema que estrutura a vida social zande.

Nesse sentido, destaca-se a importância que Evans-Pritchard deu ao sistema de pensamento zande, objeto da análise do antropólogo a partir das práticas de bruxaria, feitiçaria e magia, sobretudo numa época em que a antropologia tinha como foco as relações sociais. Evans-Pritchard, ao explicar com profundidade as formas de perceber o mundo do povo zande, busca convencer o leitor da consistência intelectual nas noções com as quais operam a sociedade zande, trazendo como maior contributo de sua obra, a meu ver, a tradução de práticas e crenças deste povo para torná-las compreensíveis para a racionalidade ocidental.

“Bruxaria, oráculos e magia entre os azande” é uma obra clássica da antropologia, revisitada até os dias atuais, pois como afirma **Eduardo Viveiros de Castro**, em sua nota do tradutor, suas análises permanecem vivas, pulsantes e novas (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 7) uma vez que o antropólogo inglês ilumina caminhos percorridos recorrentemente na antropologia, como nos estudos de religião e magia, além de dar continuidade às propriedades do trabalho antropológico de sua época, fermentando e entusiasmando importantes reflexões que ainda hoje tomam corpo no campo das ciências sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIUMBELLI, Emerson. Os azande e nós: experimento de antropologia simétrica. *Horizontes antropológicos*, vol.12, n.26, Porto Alegre, 2006.

GROSSI, Mirian. Na busca do “outro” encontra-se a “si” mesmo. In: GROSSI, Mirian. **Trabalho de campo e subjetividade**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social UFSC, Florianópolis, 1992.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Discipline and practice: the field as site, method and location in Anthropology. In: AKHIL, Gupta; FERGUSON, James (orgs). **Anthropological Locations: boundaries and grounds of a field science**. Berkeley: University of California Press, 1997.

KUCLICK, Henrika. After Ishmael: the fieldwork tradition and its future. In: AKHIL, Gupta; FERGUSON, James (orgs). **Anthropological Locations: boundaries and grounds of a field science**. Berkeley: University of California Press, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. Edward Evans-Pritchard: um mestre da escrita etnográfica In: Orgs. Everardo Rocha e Marina Frid. **Os Antropólogos**. Editora PUC-Vozes, 2014.

STOCKING, George. The ethnographer’s magic: fieldwork in British Anthropology from to Malinowski. In: STOCKING, George (Org). **Observers Observed: essays on ethnographic fieldwork**. Madison. The University of Wisconsin Press, 1983.